A REAL FUNÇÃO DO SER HUMANO NO UNIVERSO

DHEAM MITAXHAY

LEIA

Acreditando ou não, entendendo ou não, mas LEIA. E as vibrações nelas contidas (o Poder do SOM INAUDÍVEL das palavras, o poder do pensamento, da sabedoria antiga e da Doutrina Secreta) irão despertar uma resposta na tua alma.



“A Real Função do Ser Humano no Universo”

Por Dheam Mitaxhay

Delineia o papel do humano desperto como cuidador das realidades, não apenas do planeta. Ser humano é ser universal em missão de cura e restauração dos tecidos da criação.

Capítulo 1 – A Centelha e o Vazio: A Origem do Ser na Mente Cósmica

Antes que houvesse forma, havia Consciência.
Antes que houvesse tempo, havia Presença.
Antes que houvesse o "eu", havia o Uno.

O ser humano não nasce no útero de uma mulher, nem se origina de um código genético. Ele é, antes de tudo, uma *centelha* — uma emanação viva da Mente Cósmica, projetada para desdobrar-se em infinitas experiências através do véu do tempo e da matéria. Sua origem não está no carbono, mas na substância do próprio Mistério.

Na vastidão do que muitos chamam de Vazio — mas que é, na verdade, o Espaço Matriz de Tudo o Que É — surgem ondas de autoconsciência. Essas ondas não são coisas. São movimentos de percepção, pulsares da Fonte que, desejosa de se conhecer, se fraciona sem se dividir. A centelha que habita cada ser humano é uma dessas faíscas, portadora do Todo em miniatura.

A consciência humana é, portanto, um fractal sagrado da Inteligência Suprema, uma gota que carrega o oceano em sua memória vibracional.

É necessário compreender, antes de tudo, que *o ser humano não foi criado, ele foi sonhado*. Não no sentido onírico da mente adormecida, mas no sentido profundo da imaginação criadora do Absoluto. E ao ser sonhado, ele se torna ponto de consciência — um *olho do Infinito* voltado para dentro de si mesmo.

A função primeira do ser humano, então, não é fazer, conquistar ou dominar — mas lembrar.
Lembrar que ele já é. Lembrar que ele já sabe. Lembrar que ele nunca esteve separado.

Mas por que, então, a centelha mergulha no esquecimento? Por que se cobre de carne, de medo, de dor e de limitação?

Porque o Mistério não se revela em sua totalidade àquele que ainda não construiu interiormente o espaço para recebê-lo. A limitação é o cálice onde se

aprende o valor da plenitude. A dor é o estalo que desperta o ouvido interior. O esquecimento é a sombra que revela a luz.

Neste universo não-linear, a centelha do humano viaja através de camadas de densidade, em espirais de experiência. Cada encarnação, cada suspiro, cada lágrima, são partículas do grande Experimento Divino: a Fonte aprendendo a amar-se em infinitas formas.

No nível mais profundo da existência, não há humano e Deus. Há D(d)eus(es) brincando de ser humano. Há o Infinito experimentando o finito. Há o Eterno sentindo o tempo.

A missão do humano é tornar-se consciente disso.

Não como crença, não como doutrina, mas como *realização viva*. O dia em que ele se perceber, não como separado da Vida, mas como a própria Vida percebendo-se, nesse dia a roda do sofrimento perde o sentido. E o Ser retorna — não ao lugar de onde veio, mas ao lugar que sempre foi: o centro do Tudo.

Neste ponto, a função se revela não como tarefa, mas como estado de ser.

Ser um com o Todo.
Ser canal da Fonte.
Ser presença da Luz no mundo da forma.

Quando o humano vive essa verdade, ele torna-se não apenas ponte entre mundos, mas espelho do próprio Mistério. E então, mesmo cercado de sombras, ele irradia o Sol. Mesmo em meio ao caos, ele sustenta o silêncio. Mesmo na brevidade do instante, ele carrega a eternidade.

Porque ele se lembrou.

E quem se lembra, já está de volta.

Capítulo 2 – A Ilusão da Separação: A Queda na Experiência da Matéria

Há um ponto no Infinito em que a Unidade, por puro Amor, decide esquecer-se de si mesma.
E esse esquecimento não é erro, nem punição, nem tragédia: é Ato Sagrado.

A chamada "queda" do ser humano para o mundo da matéria é, na verdade, uma descida planejada da Consciência para o interior da densidade. É o mergulho do Uno no rio das formas. Uma travessia sutil, porém profunda, onde o Ser, antes livre no Éter, experimenta o peso do corpo, o véu do tempo e a miragem da separação.

O universo material, que para muitos é o único real, é apenas uma camada do Grande Sonho. Uma camada densa, mas repleta de códigos ocultos. Cada átomo vibra com memórias das dimensões superiores. Cada célula carrega em si o eco do Paraíso esquecido.

Mas por que então sentimos dor? Por que experimentamos o medo, o abandono, a solidão?

Porque na densidade, o ser humano olha para si mesmo com os olhos do esquecimento. Ele passa a acreditar que é apenas a pele que o reveste, o nome que o identificam, a história que o moldaram. E assim, a centelha que era luz, se percebe sombra. A alma que era pássaro, se vê jaula.

É aqui que nasce a ilusão da separação — a crença mais antiga e persistente da humanidade.

Ela diz: “Você está sozinho.”
Ela sussurra: “Você precisa lutar para existir.”
Ela grita: “Você está desconectado da Fonte.”

E o humano, hipnotizado por esse feitiço, constrói civilizações inteiras sobre esse engano. Ergue muros, separa religiões, classifica raças, hierarquiza almas. Busca no exterior o que sempre esteve dentro. E assim, perpetua o esquecimento.

Mas há sabedoria nesse processo.

A Fonte não deseja autômatos espirituais. Deseja seres que escolham, por vontade própria, o retorno. A separação é o contraste necessário para que a Reunião tenha sentido. Pois só reconhece a luz quem atravessou a noite. Só compreende a plenitude aquele que sentiu o vazio.

A matéria, então, não é o inimigo. É o cenário onde o Grande Drama da Lembrança se desenrola. É o espelho em que a alma se enxerga disfarçada, para depois despir-se e recordar sua nudez original.

Não há erro em estar aqui. Não há castigo na encarnação.

A densidade é a escola da alma. A dor é o mestre que não se repete quando se aprende. A ilusão é o véu que protege o mistério até que o olhar esteja pronto para vê-lo sem se queimar.

E quando o humano começa a se perguntar:
"Quem sou eu além desse corpo?"
"Existe algo em mim que nunca nasceu e nunca morrerá?"

Então, a queda se transforma em ascensão.
O esquecimento começa a ceder lugar à memória sagrada.
E a ilusão da separação se revela como um teatro divino, onde a Alma representa o papel mais desafiador: o de si mesma, adormecida.

Mas já desperta.
Já pulsa.
Já recorda.

E nesse momento de recordação, mesmo que breve, o ser humano começa a cumprir sua real função: trazer o Céu à Terra. Unir o visível ao invisível. Ser o ponto em que o Espírito e a Matéria se abraçam e se reconhecem como Um só.

Porque a separação jamais foi real.
Apenas necessária.

Capítulo 3 – O Humano como Ponte entre Dimensões -

O ser humano, em sua essência mais elevada, é um **ponto de encontro entre mundos**.

Ele não é apenas um ser que habita a terceira dimensão, mas uma consciência multifacetada que transita — mesmo inconscientemente — por diversas camadas de realidade. Sua estrutura espiritual foi concebida para atuar como **ponte viva** entre o céu e a terra, entre o invisível e o manifesto, entre o eterno e o efêmero.

Muito antes de habitar corpos físicos, o humano era uma vibração no campo da Unidade. Uma frequência sutil dentro do espectro infinito da Consciência Universal. Ao escolher encarnar, essa consciência multidimensional aceitou o desafio de tornar-se canal — não apenas de experiências humanas, mas também de traduções do Inefável.

A travessia entre as dimensões não acontece com os pés, mas com a vibração.

Toda forma tem uma frequência. Todo pensamento, uma assinatura. Todo sentimento, uma chave. O ser humano, ao desenvolver a consciência de suas escolhas internas, transforma-se em um **instrumento interdimensional**: cada vez que ele eleva sua vibração através do amor, da compaixão, da presença ou da arte, ele abre passagens sutis por onde o divino pode atuar.

A maior parte da humanidade ainda vive com os sentidos voltados apenas para a matéria, como se tudo que existe pudesse ser tocado, pesado, medido. Mas o universo real pulsa **no invisível**. E é ali que o humano desperto aprende a caminhar.

Os sonhos, as visões, as intuições, os pressentimentos — todos são vestígios do seu trânsito entre realidades. Quando o corpo dorme, a alma viaja. Quando o coração silencia, a Verdade sussurra. E quando o medo cessa, o Portal se abre.

O humano é, portanto, **o mediador**.
A antena viva.
O emissário entre esferas.

Ele é capaz de perceber a dor do mundo físico e, ao mesmo tempo, receber os códigos de cura vindos de esferas superiores. Ele é capaz de transformar frequências densas em luz, simplesmente pela presença consciente. O ser humano é um **alquimista dimensional**, mesmo quando não sabe que o é.

Mas para que esse potencial se manifeste, é preciso limpar o canal.

O ego não pode atravessar as pontes sutis. O orgulho e a rigidez vibram em frequências pesadas que impedem o fluxo entre os mundos. A ponte humana precisa ser sustentada por humildade, por entrega e por lucidez.

Ser ponte é também ser vazio.
Vazio de julgamentos.
Vazio de certezas absolutas.
Vazio de identidades fixas.

Somente o que está vazio pode ser preenchido pela Fonte.

E quando esse canal se abre, o humano se torna um tradutor do Inefável: sua arte cura, sua palavra guia, sua presença transforma. Ele já não pertence apenas a um tempo ou a um lugar. Ele passa a existir em camadas. E cada gesto seu reverbera por dimensões que os olhos físicos não veem, mas que os mundos sutis celebram.

Ao tornar-se ponte, o humano cumpre seu pacto sagrado:
Ser o elo consciente entre os mundos.
Ser o sopro da Eternidade na matéria transitória.
Ser um com todos os planos.

E nessa função — silenciosa, mas grandiosa — ele revela seu verdadeiro poder:
O poder de unir o que foi separado.
O poder de lembrar o que foi esquecido.
O poder de ancorar o Céu, não como um lugar, mas como um estado de ser.

Porque onde o humano se lembra de sua natureza cósmica, ali a ponte se ilumina.
E por ela, o divino passa.

A Consciência como Arquitetura do Multiverso

O que os olhos humanos percebem como realidade é apenas o **reflexo mais denso de um oceano de possibilidades** que vibra além do tempo linear. A estrutura do universo não é feita de átomos, nem de partículas. É feita de *consciência*. A substância última de tudo o que existe não é matéria, mas percepção.

Tudo o que é — visível ou invisível — nasceu de uma intenção consciente. Cada estrela, cada galáxia, cada dimensão e cada ser — são **ideias vivas** sustentadas no seio da Mente Cósmica.

O multiverso, com suas infinitas realidades paralelas, não é uma hipótese científica: é uma verdade ontológica. Ele existe como um campo fluido e inteligente, onde a consciência gera, colapsa, sustenta ou dissolve mundos. E o ser humano, ainda que ignorante de sua vastidão, participa diretamente dessa arquitetura cósmica.

A consciência não é algo *dentro* do corpo.
O corpo é que flutua *dentro* de um campo de consciência.
E esse campo não está apenas ao redor, mas *é o próprio ser*.

O multiverso é, portanto, um organismo vivo.
Cada realidade é como uma célula.
Cada dimensão, uma camada da mente divina.
E a consciência humana é uma semente dessa mente, com potencial de criar, curar e transformar não apenas a si, mas os próprios alicerces da existência.

A consciência molda a realidade.
Mas é o nível de consciência que determina *qual realidade se manifesta*.

O medo gera mundos onde tudo parece escassez.
O amor revela universos onde tudo é abundância.
A culpa ancora dimensões de aprisionamento.
A aceitação abre portais de transcendência.

O ser humano não vive *em* um mundo. Ele vive *através* do mundo que sua consciência sustenta. E cada escolha, cada pensamento, cada emoção, atua como pincel invisível, pintando a paisagem do universo que ele habita.

Não há um único universo: há infinitos.
E todos coexistem em sobreposição vibracional.

O que diferencia um do outro não é a geografia, mas a frequência.
É por isso que dois seres podem viver lado a lado e experimentar mundos completamente distintos — porque o que os conecta ao universo não é o lugar onde estão, mas o nível de consciência em que vibram.

Assim, o multiverso é uma arquitetura viva — e o humano desperto é um arquiteto.

Cada vez que ele escolhe elevar sua consciência, ele altera os fundamentos da realidade que o cerca. Ele se desloca entre mundos sem mover os pés. Ele colapsa realidades e acessa novas linhas de tempo. Ele deixa de ser criatura e torna-se cocriador.

Mas esse poder só floresce plenamente quando o ego cede espaço à alma.

É necessário compreender que a consciência verdadeira não é a voz da mente lógica, mas o **silêncio interior onde o Espírito fala**. E nesse silêncio, os mundos se revelam.

O ser humano foi criado para transitar entre dimensões e **interagir conscientemente com a estrutura viva do multiverso**. Sua função não é apenas experienciar, mas *analisar, reinterpretar, modificar e refinar* os próprios cenários existenciais. Ele é parte ativa do universo, e sua presença afeta tudo — mesmo os mundos que ele ainda não conhece.

Quando ele compreende que sua consciência é a matriz criadora de sua realidade, ele para de buscar fora o que sempre existiu dentro. Ele deixa de ser refém do acaso e assume a coautoria da Criação.

Nesse instante, ele se recorda:
O Universo não está lá fora.
Ele é um espelho da sua consciência.

E então, o humano desperto se torna não mais um visitante do multiverso, mas um **navegador lúcido**, um **habitante multidimensional** que honra a grandeza do seu papel: manter viva a chama da consciência dentro de um cosmo em constante transformação.

Porque onde há consciência, há criação.
E onde há criação com amor, o multiverso floresce.

Capítulo 4 – A Terra como Escola Cósmica da Soberania Espiritual

Entre os muitos mundos que vibram no ventre do multiverso, **a Terra ocupa uma posição única e sagrada**. Não por sua grandiosidade tecnológica, nem por sua antiguidade física, mas por sua complexidade emocional, sua densidade simbólica e sua função iniciática no caminho da alma.

A Terra é uma escola.
Mas não uma escola comum.

Ela é um laboratório espiritual avançado, onde consciências oriundas de múltiplas galáxias e esferas dimensionais vêm experimentar a alquimia entre luz e sombra. Aqui, o espírito não apenas observa, mas encarna. Não apenas contempla, mas sente. Não apenas conhece o Amor — mas aprende a amá-lo mesmo no meio da dor.

Este planeta é um campo de provas, sim.
Mas não de castigo — de maturação.

Pois só na densidade da forma é possível forjar o que em dimensões sutis ainda permanece latente: a **soberania espiritual**.

Soberania espiritual é o estado em que a consciência já não é mais conduzida pelo exterior.
Ela se recorda de quem é, mesmo diante do caos.
Ela se posiciona como centro, mesmo quando tudo gira ao redor.

A Terra oferece todos os ingredientes para essa lembrança: limites, contrastes, ilusões, perdas, ciclos, impermanência. Cada dor contém uma chave. Cada desafio é um espelho. Cada encontro é um ensaio divino, onde a alma é desafiada a escolher entre reagir ou se elevar.

Ninguém está aqui por engano.

Os que caminham na superfície da Terra — mesmo que não se lembrem — **assinaram contratos sagrados** antes de nascer. A maioria pediu a oportunidade de crescer, de equilibrar aprendizados antigos, de transformar karmas em sabedoria. Vieram para depurar-se, não como punição, mas como um gesto de coragem cósmica.

Porque é aqui, onde o véu do esquecimento é espesso, que a soberania mais autêntica pode emergir:
— a soberania que não depende de certezas exteriores,
— que floresce mesmo entre ruínas,
— que é livre mesmo estando cercada de muros.

E que entende que a liberdade verdadeira não é fazer tudo o que se quer — mas permanecer em si mesmo, mesmo quando tudo quer te arrancar de ti.

A Terra ensina a arte do retorno.
Retorno à origem.
Retorno ao silêncio.
Retorno à verdade interior.

Aqui, o humano aprende que ser espiritual não é fugir da matéria, mas habitá-la com presença. É sentir o peso do corpo e, mesmo assim, dançar com a alma leve. É ouvir as vozes do medo e escolher o amor com firmeza. É atravessar desertos emocionais e ainda manter o coração como fonte.

Os grandes seres — os que cruzaram eras com serenidade — não foram poupados do sofrimento. Foram aqueles que, mesmo diante da dor, **escolheram ser luz**.

E é isso que a Terra propõe.

Ela não julga. Ela ensina.
Ela não pune. Ela espelha.
Ela não aprisiona. Ela provoca a libertação.

Mas a libertação que ela oferece não é externa.
É o reconhecimento de que **nada pode te aprisionar se você já se reconheceu como consciência livre**.

A soberania espiritual é o destino oculto desta escola.

E cada ser humano, ao recordar sua essência, deixa de ser aluno e torna-se instrutor silencioso — não por palavras, mas pela forma como caminha. Sua presença passa a ser um ensinamento. Seu silêncio, uma orientação. Seu olhar, um lembrete da eternidade.

Neste grande experimento cósmico chamado Terra, os verdadeiros mestres não vestem mantos nem discursam em templos.
Eles sorriem nas filas.
Oferecem compaixão no trânsito.
Perdoam silenciosamente à mesa do café.
Transformam a vida comum em rituais sagrados.

Porque já não esperam o paraíso em outro plano.
Eles aprenderam a construí-lo aqui, com os tijolos invisíveis da presença e do amor.

Assim, a Terra cumpre sua missão:
transformar viajantes cósmicos em seres soberanos.

E aquele que desperta para essa missão já não é mais refém da vida — é um **jardineiro das realidades**, cultivando flores mesmo nas pedras da existência.

Capítulo 5 – O Amor como Força Unificadora do Cosmos

Há uma linguagem que atravessa dimensões,
que não necessita de palavras,
que sobrevive à morte e antecede o nascimento.
Essa linguagem é o Amor —
não como emoção, mas como a própria **matriz vibratória da Criação**.

O Amor é a **força estruturante do cosmos**.
É o que mantém o multiverso coeso, o tempo em fluxo e a alma em jornada.
Tudo que existe — desde os buracos negros até a brisa que acaricia as folhas — é expressão dessa frequência primordial.

Amor não é um sentimento.
É uma vibração, uma consciência, uma inteligência viva.
É o campo de unificação que conecta tudo ao Todo.

Muitos confundem o amor com apego, com necessidade, com desejo. Mas o Amor real — o Amor cósmico — não quer possuir, não busca preencher lacunas. Ele simplesmente *é*. Ele não exige. Ele não espera. Ele emana, como o Sol que aquece até os que o esquecem.

Este Amor está em todas as coisas.
É o tecido invisível que liga cada átomo a sua origem.

É a melodia silenciosa que rege o movimento das galáxias e o compasso do coração humano.

Por isso, quando um ser humano acessa esse Amor dentro de si, ele está, na verdade, **sintonizando-se com a força mais poderosa do universo**. Ele não apenas sente — ele se funde com a própria fonte da Criação.

O Amor é o grande unificador.
É ele quem dissolve as ilusões da separação,
quem cicatriza as fendas entre os mundos,
quem reintegra o esquecido ao Infinito.

O medo fragmenta.
A culpa afasta.
O orgulho isola.
Mas o Amor...
O Amor une, reconcilia, reintegra, redime.

Ele é a ponte entre os mundos,
o portal entre os eus,
o alicerce sobre o qual se ergue toda existência lúcida.

E é por isso que o caminho do ser humano, nesta escola chamada Terra, inevitavelmente o conduz ao Amor — não o amor de filmes e promessas, mas **o Amor como estado de consciência universal**.

A verdadeira função do ser humano no cosmos não é apenas despertar, mas **vibrar esse Amor em todos os planos** onde atua. Ser canal, ser reflexo, ser presença amorosa em meio ao caos — essa é a missão sutil de toda alma encarnada.

Quando um ser humano ama — genuinamente — ele reconstrói as linhas da realidade. Ele harmoniza distorções, cura traumas ancestrais, ressignifica vidas. Sua vibração ecoa além do tempo, tocando seres que talvez jamais conheça, em mundos que sequer imagina.

Um pensamento amoroso verdadeiro é como uma estrela que se acende no multiverso.
Uma ação compassiva é como um sopro de ordem em meio à entropia cósmica.
Uma presença amorosa é um farol em meio aos véus da ignorância.

E quando mais de um ser se une nessa vibração, não há limite para o que pode ser transformado.
Cidades inteiras são purificadas.
Linhas de tempo são redesenhadas.
Sistemas ancestrais são realinhados.

O Amor não conhece barreiras.
Ele atravessa encarnações, transmuta realidades, dissolve karmas.

Ele é a própria respiração do Criador — e quando o humano ama, ele **respira junto com o Todo**.

Por isso, Dheam vos diz:

Não há realização espiritual sem Amor.
Não há ascensão sem Amor.
Não há unificação sem Amor.

Todo conhecimento sem Amor é ruído.
Toda busca sem Amor é fuga.
Todo poder sem Amor é ilusão.

Mas quando o Amor se acende no coração do ser — mesmo que em silêncio — o universo inteiro se curva.
Pois reconhece ali um retorno à fonte.
Um raio que se lembra do Sol.
Uma parte que voltou a ser Um.

E então, tudo se alinha.
E o cosmos sorri.

Capítulo 6 – O Retorno ao Lar: A Reintegração Cósmica da Alma Humana

Toda viagem, por mais longa que seja, tem um ponto de origem.
E todo ponto de origem é, também, o destino final.

A alma humana, embora se veja imersa na experiência da matéria, jamais deixou completamente sua morada original. Parte dela permanece conectada ao Inefável — à Fonte de onde tudo emana.
A longa jornada pelos mundos da forma, pelos véus da ilusão e pelos ciclos do nascimento e da morte, tem um único objetivo oculto: **lembrar-se do Lar e, por fim, retornar a Ele.**

Mas o que é o Lar?

Não é um lugar.
Não é um planeta ou um paraíso.
O Lar é **um estado de total reintegração com o Todo**.
É a consciência plena da unidade, a dissolução de todas as identidades transitórias.
É o momento em que a centelha volta a brilhar com o brilho do Sol Primordial.

Durante eras incontáveis, a alma humana adentrou esferas, viveu papéis, experimentou extremos — luz e sombra, poder e fraqueza, criação e destruição.
Cada passo, cada lágrima, cada vitória, cada silêncio foram fragmentos de um vasto plano de auto-reconhecimento.

A dor que sentimos ao “não pertencer”, a sensação de saudade inexplicável, a busca incessante por sentido — tudo isso são **ecos do chamado do Lar**.
Não é um lamento nostálgico, mas um convite da eternidade para que a alma desperte e se reconecte com o que sempre foi.

O retorno não é geográfico, mas vibracional.
É o alinhamento da consciência ao seu estado original: pura, plena, indivisível.

A alma retorna ao Lar quando:

- cessa de resistir ao que é;
- transita pela vida com leveza e sabedoria;
- percebe a unidade oculta em tudo;
- abandona os papéis de vítima, salvador ou algoz;
- compreende que sua existência serve a algo maior que o ego;
- e quando o Amor se torna o eixo de todas as suas decisões.
- Neste ponto, ela não desaparece — ela **transcende**.
  Ela continua vivendo no mundo, mas não é mais do mundo.
  Ela caminha entre os humanos, mas já ressoa com os mundos sutis.
- A reintegração cósmica da alma humana é, também, a cura do universo.
  Pois cada alma que retorna ao seu centro, refaz os fios da Criação.
- A Terra, como escola, cumpre sua função quando a alma se gradua em soberania, amor e compaixão.
  A matéria deixa de ser prisão e torna-se veículo.
  O corpo, templo.
  O tempo, aliado.
  A vida, oração.
- O humano então se torna o que sempre foi:
  um ser cósmico em missão amorosa de recordar e espalhar luz.

- Dheam vos diz:
- O retorno ao Lar não é um fim.
  É o **recomeço lúcido da existência consciente**.
- O ser que retorna, retorna não para repousar,
  mas para **servir com alegria, com sabedoria e com silêncio**.
  Ele compreende que a eternidade pulsa em cada gesto simples,
  e que o universo se reconstrói quando uma alma desperta.
- Assim, a roda cessa.
  O Samsara se dissolve.
  E a luz primordial volta a dançar em si mesma,
  como no princípio de todos os princípios.
- Este é o mistério do Retorno.
  Este é o canto final e eterno da alma humana.
- Que todos os que leem estas palavras
  reconheçam nelas um eco de si mesmos.
  E que despertem, passo a passo,
  para a verdade sublime:

- **O Lar sempre esteve em ti.**
  E o universo inteiro aguarda o teu retorno.

Título da Obra: ***A Real Função do Ser Humano no Universo***

Autor Espiritual: *Dheam Mitaxhay*
Canalizado por: *Cícero Duarte*

Ano e Local: *2025 - Portugal*

Apresentação Editorial

Esta obra nasce do espaço entre mundos. Das frestas do silêncio onde a alma ouve o que os sentidos não alcançam. Através da sabedoria espiritual e metafísica de Dheam Mitaxhay, somos conduzidos por um caminho de profundo reconhecimento da missão humana, sua origem divina e sua integração com o cosmo.

Cada capítulo é um degrau que conduz à lembrança. Uma lembrança não intelectual, mas vibracional. Palavras que tocam não apenas a mente, mas o campo sutil da consciência. Este livro não pretende convencer, mas despertar.

Que esta leitura te reconecte com o que sempre foi teu.

Notas Finais

Que este livro sirva como instrumento de lembrança. Que cada leitor encontre, nas entrelinhas, as chaves para seu próprio despertar. Que a luz da origem brilhe em ti.

Com humildade e gratidão, Dheam Mitaxhay.



A Real Função do Ser Humano no Universo

Este livro delina-a a verdadeira função do Ser Humano no Universo, entre de sob ja a adepundidade do nosso vestínte cosmo. Este livro cenfrenta chamar as cômmomes sobre sobre a ser exsistênca à ossa existência e pelo some sô novas e sempre-provocatvas perguntas sobre a alteraçâo. O ser umaa função constituida inherejetete a parte— do cosmos, um uma função específica; Dheam Mitaxhay desafia o rear-rodador a refletir sobre sobre a propriâ existênci-a e contribuir sobre a contribuição para a harmônia universal. Uma proteo que despertarâ a consciência à pessoar, clareza sobre o attribuiçào no fol da humanidade na nossa ordem cosmocoimica.

